

# OS QUATRO VENTOS DO MUNDO E AS TRÊS CORES DE GENTE DESTA GRANDE REPÚBLICA - DA ESCRAVIDÃO COLONIAL\*<sup>1</sup>

LUIZ FELIPE BAÊTA NEVES

*Resumo - O artigo analisa alguns sermões do Padre Antônio Vieira - célebre jesuíta brasileiro - português do século XVII. As relações entre a Igreja, a Metrópole, a população branca local, os índios e os escravos são examinados de um ponto de vista novo - face à bibliografia dominante - que tenta estabelecer uma rede epistêmica com a cosmologia e a teoria do conhecimento em causa.*

*Résumé - L'article analyse quelques sermons du Père Antonio Vieira - célèbre jésuite brésilien - portugais du XVII<sup>e</sup> siècle. Les rapports entre l'Eglise, la Métropole, la population blanche locale, les indiens et les esclaves sont examinés d'un point de vue nouveau - face à la bibliographie dominante - qu'essaie d'établir un réseau épistémique avec la cosmologie et la théorie de la connaissance en cause.*

*"Antes nós tínhamos a terra e eles a Bíblia. Hoje nós temos a Bíblia e eles a terra."  
(Provérbio africano)*

## Introdução

O estudo que se segue trata de alguns sermões do padre Antônio Vieira, jesuíta de enorme importância para a compreensão da realidade colonial ibero-americana do século XVII.

Os sermões analisados permitem compreender algumas das linhas de força do imaginário social jesuítico quanto à sociedade colonial brasileira. Ao contrário do que tantas vezes nos é repetido, este imaginário não é um mero esforço de justificação do escravismo colonial ibérico nem, tampouco, uma apologia do poder político metropolitano ou um elogio dos senhores da terra ou do comércio no Brasil. O que Vieira nos propõe é uma visão com-

plexa da vida seiscentista; visão que trata a escravidão como um mal infelizmente necessário para a indispensável expansão da cristandade. Em momento algum, entretanto, a ausência de princípios cristãos dos senhores é perdoada ou sequer justificada; Vieira é um ácido crítico dos costumes dos colonizadores e um batalhador incansável pela constituição de uma gramática social cujas regras só poderiam ser aquelas ditadas pela Igreja de Deus.

A missão jesuítica surge como um esforço de incorporação ao mundo cristão de terras e povos que jamais haviam conhecido o Senhor - ou d'Ele

\* Este texto - exceção feita à breve introdução que o apresenta - forma um excuro a *Imaginação Social Jesuítica e Instituição Pedagógica - Maranhão e Grão-Pará, século XVII*, 3 volumes. Rio de Janeiro: Museu Nacional da UFRJ, 1984, de minha autoria. - L.F.B.N.F.

<sup>1</sup> Os *Sermões*, aqui analisados, referentes aos negros pertencem à série denominada "Maria Rosa Mística" que contém um total de 30 sermões. Apenas 3 destes possuem indicação da data em que foram pregados: XIV (1633), XII (1639) e XV (1654) (cf. LEITE, 1938-50, t. IX:225). Os que têm aqui referência explícita são os de número XIV, XX e XXVII.

se apartaram. Este esforço missionário jesuítico é especialmente fértil pela contigüidade (quanto ao gentio) e pelo cuidado com as formas de reprodução do saber. E isto não apenas nos colégios que se celebrizaram mas em toda uma rede de estabelecimentos que ia do Maranhão e Grão-Pará até o extremo sul da Colônia.

A Companhia de Jesus se distingue, pois, por sua determinação de intervir no século, na vida humana mesmo onde Cristo parece estar ausente. Intervenção que se é uma paixão pela construção, pela obra, não deixa de ser acompanhada - ou, melhor, *constituída* - por um fascínio permanente pelo *saber*. Saber tão pouco estudado em seus aspectos epistemológicos e filosóficos. A análise que propomos a seguir mostra a constituição articulada que integra o cosmos e a vida social, a realidade empírica e as Sagradas Escrituras, o esforço taxionômico e a unidade. É deste saber tão religioso quanto especialmente racional que agora trataremos.

\* \* \*

O Sermão da Sexagésima é, provavelmente, o mais famoso dos proferidos por Vieira<sup>2</sup>. Se se celebrizou por ser a peça onde o jesuíta melhor expôs sua teoria da pregação, não perde a importância se considerado como uma suma ontológica. Também aqui, como sempre, há um esforço classificatório do discurso ao discriminar as palavras e as coisas:

"Todas as criaturas, quantas há no mundo, se reduzem a quatro gêneros: criaturas racionais, como os homens; criaturas sensitivas como os animais; criaturas vegetativas como as plantas; criaturas insensíveis como as pedras, e não há mais" (VIEIRA, 1957, t. 1, p.39).

O gênero humano é, pois, uma *unidade dentre quatro*; unidade que admite, contudo, divisões que são antes marcos de uma escala do que sinais de descontinui-

dade ou antagonismo. As "nações" seriam as primeiras divisões - ou gradações - do social e percorreriam um contínuo que iria das nações cultas às bárbaras e incultas. Todas seriam uma coleção de indivíduos que se caracterizariam por sua maior ou menor proximidade àquilo que se chamaria adequadamente de homem, sendo os pontos de referências externos os outros gêneros de criaturas coexistentes ao homem neste mundo. Assim, puderam os missionários encontrar em suas andanças homens-homens, homens-brutos, homens-troncos, homens-pedra (Cf. id., p.40). A grande tarefa do pregador evangélico seria, então, não a de reiterar a diferença mas de resgatar a unidade do gênero humano quer pela regeneração dos que, conhecendo Deus, dele se afastaram quer revelando a palavra sagrada aos que dela estavam ignorantes<sup>3</sup>. E, talvez porque o segundo caso fosse o mais urgente e radical para a ideologia da catequese e da missão no século XVII, Vieira enfatiza a importância da clareza do discurso oral e crê que a reação dos ouvintes seja o melhor juiz do sermão<sup>4</sup>. Esta recuperação da importância do auditório - e, mais, do auditório aberto, variado, múltiplo - torna-se par ideológico importante da idéia de unidade humana, que deve ser percorrida e intimamente alcançada em sua real diversidade. A humanidade é - deve ser - um universo em expansão porque a palavra de Deus será a todos levada, sem distinções<sup>5</sup>.

Os quatro gêneros a que se reduzem as criaturas de Deus estão dispersos no mesmo plano; não há hierarquia entre eles. Foram todos criados por uma disposição divina que os colocou na natureza. E *natureza*, para Vieira, é um estado dado, originário, possuindo uma espécie de eternidade peculiar e que só é alterada pela contingência da história. Quando qualifica homens como animais, vegetais ou minerais de uma forma algo desprestigiada não é porque a natureza seja bruta e o homem refinado mas, talvez, antes, porque seu pensamento é taxionômico e o homem deve respeitar o lugar que lhe foi atribuído na natureza, sob pena de uma perigosa confusão na disciplinada

- 2 Pelo menos, se por fama entendermos sua inserção em antologias, referências, prestígio entre os estudiosos, etc. Não tenho informações exatas sobre sua repercussão na época em que foi enunciado.
- 3 Cf. Capítulo 2. In: BAËTA NEVES, Luiz Felipe: *Imaginação Social Jesuítica e Instituição Pedagógica - Maranhão e Grão-Pará, século XVII*. 3 volumes. Rio de Janeiro: Museu Nacional da UFRJ, 1984.
- 4 Na realidade, há um auditório importante, mas nem sempre presente, que é o dos poderosos a quem Vieira tematiza, com frequência, e a quem quer atingir até pela *repercussão* do que perorou.
- 5 Desejo do discurso religioso que, aí, se harmoniza com os do discurso econômico e político do colonialismo.

ordem das coisas<sup>6</sup>. Não parece haver, pois, nenhuma espécie de "humanismo" aqui, pelo menos não no sentido que o século XIX atribuiu à palavra e a que nos acostumamos, indebitamente, a usar contemporaneamente.

Os homens são uma dentre as criaturas naturais; os homens são iguais entre si. Ou melhor, são *naturalmente* iguais entre si, porque assim foram criados por desejo divino. São, em sua origem, iguais - e a origem é a expressão mais pura, imediata e direta do Criador.

"O fim porque Jesus Cristo veio ao mundo, foi para reformar os erros de Adão e seus filhos, e para os restituir à igualdade em que os tenha criado, desfazendo totalmente e reduzindo à primeva e natural união as distinções e diferenças que a sua soberba entre eles tinha introduzido" (id., t. 10, p. 132).

Vieira dá aqui aos missionários o exemplo a ser imitado, e exemplo alto: do próprio Filho de Deus. Os missionários são os agentes de uma correção *na* história que deve anular seus desvios e devolvê-la a seu anterior e primeiro leito: a natureza<sup>7</sup>. Nesta, os homens foram feitos da mesma massa, unidos, iguais, irmãos; estes mesmos homens, contudo, se desunem, se desigualam, desprezam o parentesco - o que é grave erro porque resulta de um esquecimento das regras de natureza<sup>8</sup>. A natureza é o paradigma da história; a natureza só pode admitir a unidade, porque único é o Deus que a criou, logo não há espaço teórico para se considerar uma soma de elementos (ainda que diferenciados, matizados) cujo total exceda o número Um<sup>9</sup>.

A idéia de uma natureza humana justa e original é "confortável" a uma intenção proselitista como a do catolicismo pós-Reforma porque torna a tarefa missionária teoricamente viável, já que há uma realidade anterior e divina à multiplicidade das nações humanas e à qual basta retornar. E este retorno, pela teoria do

semão de Vieira, é uma tarefa do *pregador*, essencialmente; o *auditório* é considerado passível de ser atingido pela inteligência e deve chegar a Deus pelo entendimento da palavra (da letra) divina<sup>10</sup>. O que não se deve esquecer é que a natureza humana a que nos referimos não é um espaço neutro ou vazio; é uma natureza humana cristã por definição já que Deus não é da ordem da contingência da história e, sim, da imanência, da eternidade. As "nações" que não tivessem conhecimento de sua origem afinal divina não são responsáveis por isto, nem devem ser por tal motivo castigadas<sup>11</sup>. Devem ser simplesmente recuperadas para seu rebanho original pelos detentores da Verdade, pelos padres de Cristo. Por outro lado, aqueles que, tendo conhecimento de sua condição de filhos de Deus O renegaram, estão em condição muito mais difícil porque optaram absurda, mas conscientemente, pelo Demônio. O conhecimento de Deus, portanto, é *definitivo* a partir do momento em que lhe é propiciado quer por Deus mesmo, quer por um cristão qualquer<sup>12</sup>. Para Vieira, o conhecimento de Deus se dá pela *adequada revelação* da palavra divina tal como contida nos textos sagrados; o papel do catequista é o de ler o texto, texto que é a expressão física de realidades concretas-divinas. Todas as assertivas de Vieira são irremediavelmente referidas as Sagradas Escrituras ou a exegetas ilibados e sua ambição é de que pela correta leitura da letra bíblica (pela correta audição da oratória missionária) o homem possa ler o mundo corretamente, ou seja, como uma transcrição terreal de realidades celestes. A letra divina é o *exemplo* que devemos *imitar* - e este é o grande exercício do cristão, o de tornar a escritura do mundo imitação perfeita da escritura exemplar. E ele o deve fazer com a mesma "fiscalidade" do texto divino, deve construir um cenário literal e especular, visível e palpável, idêntico o mais possível a seu Modelo<sup>13</sup>.

6 Cf. LEVI STRAUSS (1962), Capítulo Primeiro.

7 Que, como vimos, é um leito em que as coisas estão dispostas 'paradigmaticamente'. Não impede a história, mas sua 'fixidez primitiva' sempre será exemplar.

8 Quem *ensinará* as regras da natureza, já que anteriores à cultura (ao ensino)?

9 Cf. MORAVIA (1970) para uma abrangente história da "ciência do homem" no século XVIII, e cujos procedimentos poderiam ser expandidos para o estudo da "natureza" e do "homem" no século anterior.

10 Cf. Capítulo 2. In: BAËTA NEVES, Luiz Felipe. op. cit. que agora recordamos.

11 Neste sentido, a missão é uma espécie de instrumento de *restituição* de um conhecimento (e/ou de uma memória, talvez). E não de doação, como estamos habituados a pensar, sempre.

12 Nada mais justificando um comportamento não-cristão, a culpa está lançada.

E este mundo terreno pode e deve ser compreendido pelo entendimento cristão, que nele procurará a inscrição do texto divino. Vieira tenta decodificar o mundo para revelar sua *similitude*, sua verdadeira identidade, ao modelo paradigmático já escrito. Nesta tarefa, seu pensamento (ou melhor, a ideologia que seu discurso integra) opera não exatamente por uma tentativa de descobrir nuances, matices, capilaridades, opera pela abrupta contração de teses e antíteses, pelo pintar em cores fortes, por localizar em extremos polares. Para sustentar a lógica de tão vincadas condensações, freqüentemente lança mão do número, das operações aritméticas como privilegiados instrumentos de ordenação do aparente caos da terra<sup>14</sup>.

"Na Sagrada Escritura pelos quatro ventos principais se estendem as quatro partes do mundo, e pelas mesmas partes ou regiões do mundo, os habitantes delas. Quem são, pois, os habitantes do áquilo, e quem os do austro? Não há dúvida que os do áquilo, que é o norte, são os europeus, mais brancos de todos, e os do austro, que, em respeito da Palestina, era a Etiópia, são os etíopes e os pretos, que por isso a Rainha de Sabá no Evangelho se chama *Regina Austri*" (id., p. 183).

Como se vê, a verdade escrita da Sagrada Escritura existe fisicamente não só em si mesma como no reino dos homens, o exercício espiritual do cristão é localizar neste o que lhe havia sido revelado, enigmaticamente a princípio, por Aquela. Vieira traduz suas palavras, busca delas seu sentido originário e primeiro sem que possa se afastar de cada uma em seu sentido concreto, literal. As palavras são exatas porque exato é seu Autor e Vieira busca o significado verdadeiro, não uma sinonímia, uma correspondência livre ou literária. Elas se referem a materialidades: há, efetivamente, para o grande sermão, quatro ventos principais, quatro partes do mundo e seus habi-

tadores e não se deve confundi-los com figuras de estilo auto-referidos, imaginários<sup>15</sup>. A ideologia vieiriana não gosta de universos infinitos ou indefinidos e seu apego às coisas claras e distintas se alia a um gosto profundo pela *visibilidade* como fonte de razão. O que o seduz, entre outras razões, a só mencionar distintamente dois ventos, dois lugares, duas cores: áquilo e austro, Europa e Etiópia e, principalmente, branco e preto. Escolhe as mais conhecidas regiões de sua geografia e as cores mais nitidamente distantes, mais 'puras' e cujos representantes humanos Vieira melhor conhecia, pela Bíblia e pelo mundo.

Surge, então, uma outra divisão da humanidade para a teoria social do jesuíta. Além das coleções de homens<sup>16</sup> reunidos em nações, eles também se agrupam pela *cor de sua pele*, pela *localização* dos imensos grupos assim formados *no espaço geográfico*.

A recobrir todas as divisões existe, como vimos, uma unicidade de origem, natural e divina, eventualmente maculada por uma perversão histórica, contingente, da eternidade celestial. Mas, sem dúvida, concomitantemente, o discurso de Vieira ressalta (ou ressalva) que há homens e homens... Se todos têm uma origem mesma, há os cristãos e os não-cristãos (infiéis ou ignorantes de Deus). Abre-se assim, a possibilidade de enunciação de um novo recorte da humanidade em outros dois grandes grupos que quase se superpõem perfeitamente (se não houvesse os brancos-europeus-hereses da Reforma, além dos judeus) aos formados pela geografia e pela pele. O tema fundamental da origem desdobra-se: o homem vem de Deus, da Europa ou da Etiópia, de pais brancos ou pretos. E quem pode ser chamado de filho, como Jesus, de Maria (esta, tema caríssimo a Vieira<sup>17</sup>)? "É todo o homem que tem fé e conhecimento de Cristo, de qualquer qualidade, de qualquer nação e de qualquer cor que seja, ainda que a cor seja tão diferente da dos outros homens, como é a dos pretos" (id., t. 9, p. 242). O vibrante

13 Terá sempre o cuidado de não se imaginar confundido com o Modelo; não pode ser dele igual - apenas semelhante - sob pena de morte, pelo pecado do orgulho (um dos mais terríveis para nossos inicianos).

14 V. BARTHES (1971).

15 É curioso perceber que as partes e os ventos do mundo são dados como permanentes, a expansão da carta geográfica não os põe em 'risco'.

16 Uso "coleção" no sentido biológico do termo.

17 Cf. nota 1, que dá conta de um exemplo - na sermônica - da importância de Nossa Senhora (no caso, do Rosário).

igualitarismo que dá o tom dominante da passagem não impede que se perceba que *outros* (homens) quer dizer, de fato, *os* (homens), ponto paradigmático do qual os desvios se afastam. É como se Vieira vergasse sua fala 'lógica' à realidade 'histórica' que consegue ver: todos são iguais, é certo, mas o lugar do cristianismo, onde há "fé e conhecimento" de Deus, é na branca Europa - e tanto não pode ser negligenciado. Mas o cristianismo é uma Missão 'emitida' desta Europa e ávida de uma *integração* dos filhos de Deus ao Pai e aos centros terrenos irradiadores de sua palavra. Palavra que não se peja de se dirigir direta e francamente a auditórios que devem ser conquistados:

"... vós, os pretos que tão humilde figura fazeis no mundo e na estimação dos homens, por vosso próprio nome e por vossa própria nação estais escritos e matriculados nos livros de Deus e nas Sagradas Escrituras e não com menos títulos nem com menos foro que de filhos da Mãe do mesmo Deus: *Et populus Aethiopian, hi fuerunt illic.*" (id., *ibidem*).

Fica claro um dos vetores da ação missionária de Vieira: ela é antes de tudo um compromisso com o mundo secular, terreno, humano. Ele decodifica o mundo como revelador da palavra divina aqui escrita e ele o faz *para* o público. A palavra divina não perde sua sacralidade ao ser dirigida aos homens, cristãos ou não; a tradução que dela é feita deve ser compreendida por todos como caminho privilegiado para a fé. Não há separação entre fé e entendimento e só se pode entender o mundo se este for legível pelo homem<sup>18</sup>. O pastor deve ajudá-lo; não é o guardião de textos a serem consumidos por iniciados ou por povos eleitos, exclusivamente. Se os pretos fazem "humilde figura" no mundo e na "estimação dos homens" (e agora fica mais claro ainda que "homens" não são os pretos e, também, que o "mundo" é o dos brancos e a humilde figura é o "estado de civilização" preta face à branca) isto tem importância menor se confrontado com a Verdade Divina que é a inscrição, material e concreta, do "nome" e da "nação" dos pretos

como palavras (realidades, pois) nas folhas sagradas<sup>19</sup>.

Vieira reúne em um primeiro momento todos os pretos, portanto, em uma fraternidade original, junto a seus irmãos de outras cores. Mas a palavra de Deus não foi igualmente (igualmente) dita a todos os homens e ainda uma vez há necessidade de se 'cruzar' a verdade da *fraternidade original* com a verdade da (ainda) *não-universalidade do cristianismo*. Esta não-universalidade é um erro da história humana e deve ser corrigida para que o que está escrito nas Escrituras tenha seu exato correspondente na terra. Assim como há homens e homens, há pretos e pretos que Vieira assim discrimina:

"Os etíopes de que fala o texto de Davi, não são todos pretos universalmente, porque muitos deles são gentios nas suas terras; mas fala somente daqueles de que eu também falo, que são os que por mercê de Deus e de sua Santíssima Mãe, por meio da fé e conhecimento de Cristo, e por virtude do batismo são cristãos" (id., p.244).

Vieira insiste que a divisão entre os homens, pelo menos a principal divisão para um missionário, é entre homens que crêem e homens que não crêem em Cristo; o missionário não tem razões para considerar como inibitórias de sua tarefa a 'situação social' (como hoje entendemos a expressão) de seus ouvintes. A fé é o grande *princípio organizatório* da teoria social de Vieira, os outros a ele se articulam de modo subordinado (cor, nação, localização)<sup>20</sup>.

Como a visão é fundamental para o entendimento, Vieira desenvolve uma ideologia plástica do cenário do mundo. Assim, se se nomina alguém de preto e se sua cor é efetivamente preta, é imperioso tratar do que seja a cor preta. A exterioridade, a aparência imediata, sensível, visível ao olho não são meros invólucros enganadores e mistificadores de verdades invisíveis e inacessíveis; não há descontinuidade entre percepção e conhecimento<sup>21</sup>. Vieira esposa um empiricismo adepto do olhar, da sensação, da materialidade.

18 Portanto, os que não *conhecem* a Origem não poderiam ter fé. Cf. nota 11.

19 "Nome" e "nação" que nem por tudo isso deixam de contrastar com a "unidade" metropolitana. Além de estarem inscritos nas páginas santas.

20 A fé aparece como universalmente abrangente e internamente distribuidora dos locais sociais.

21 E que não esqueçamos da fisicalidade *da própria palavra*. Palavra que não é só a do Evangelho ou da alocação parenética, mas que é instrumento usual no mundo mercantilista. Interlocação entre homens e homens e entre homens e coisas, definindo os espaços "descobertos". A palavra é o *tratado* entre povos que são subjugados ou

**Qual a sua ideologia das cores? Quanto à preta, ela tem**

"(...) duas prerrogativas muito notáveis. A primeira, que ela encobre melhor os defeitos, os quais a branca manifesta e faz mais feios; a segunda, que só ela não se deixa tingir de outra cor, admitindo a branca a variedade de todas; e bastavam só estas duas virtudes para a cor preta vencer e ainda envergonhar a branca" (id., t. 10, p.156).

O encobrimento de defeitos, ou seja, seu aspecto externo, não é visto negativamente nem invalidado em qualquer sentido. A cor preta é *original*, mantém-se como 'nasceu', não admite misturas ou nuances - o que, positivamente, agrada o Vieira amante da máxima nitidez da pureza-de-origem e de uma taxinomia por contrastes<sup>22</sup>. Finalmente, aparece em nossa análise outro tema caro à ideologia em estudo: *a comparação, o confronto e o julgamento*.

E continua Vieira:

"Mas, das cores só os olhos podem ser juízes. Vejamos o que eles julgam ou experimentam. Os filósofos, buscando as propriedades radicais com que se distinguem estas cores extremas, dizem, que da cor preta é própria unir a vista, e da branca disgregá-la e desuni-la. Por isso a brancura da neve ofende e cega os olhos. E não é isto mesmo o que com grande louvor dos pretos, e não menos afronta dos brancos, se acha em uns e outros? Dos pretos é tão própria e natural a união, que a todos os que têm a mesma cor, chamam parentes, a todos os que servem na mesma casa, chamam parceiros, e a todos o que se embarcaram no

mesmo navio, chamam malungos<sup>23</sup>. E os brancos? Não basta andarem nove meses juntos no mesmo ventre, como Jacó e Esaú, para se não aborrecerem, nem basta serem filhos do mesmo pai e da mesma mãe, com Caim e Abel, para se não matarem. Que muito, logo, que sendo tão desregativa a cor branca, não caibam na mesma congregação os brancos com os pretos?" (id., *ibidem*).

Há uma apologia da união, apanágio da cor preta e, *ipso facto*, das pessoas pretas; as *qualidades físicas/óticas* das cores são as das *pessoas* que delas são revestidos. A metáfora para Vieira tem uma utilização peculiaríssima: compara realidades concretas e não algo concreto com algo alusivo, imaginado. E a magia do número um, desde sempre cara ao Ocidente, se impõe à fala do jesuíta: todos os pretos do mundo se chamam do mesmo modo (como parentes, parceiros ou malungos) - e chamar, nominar, é dar *critério de realidade* a alguma coisa; os homens também dão ordem a seu caos pelas palavras e quando conceituam permitem uma gramática de leitura do cosmos<sup>24</sup>. Vieira acha que todos os pretos são, na verdade, um só preto, porque Deus é único e seu múltiplo é a unidade<sup>25</sup>. E, depois de dar comparações e contrastes, Vieira faz seu habitual balanço daquilo que confrontou e o expõe como o veredicto de um julgamento. E a quem Vieira atribui a desunião da humanidade? Aos brancos, que, como a neve - sua irmã em propriedades óticas/físicas, portanto radicais (profundas) - "ofendem e cegam os olhos" impedindo, assim, a razão, o entendimento, a compreensão de definitiva união que deve, aqui como lá, reinar<sup>26</sup>.

Na lei de Deus, fala-se que os cordeiros que lhe fossem oferecidos deveriam ser imaculados. E agora

---

firmam alianças. É o contrato no mundo dos tráficos diversos (inclusive o dos escravos).

22 Taxinomia que não está apenas no mundo como algo exterior, já que constitui uma das características basilares do próprio *estilo* do inaciano.

23 "Malungo" é a língua de uma das etnias, segundo REDINHA (1974), mais importantes em Angola (e no Brasil) no século XVI. Segundo o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (Rio, 1958), de CALDAS AULETE, é "Nome com que se designavam reciprocamente os negros escravos, que, no mesmo navio, saíam da África". E, também: "Companheiro, Camarada". Aurélio BUARQUE DE HOLANDA, em seu *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (1975) repete estas duas acepções, somando-lhe outra: "Irmão colaço ou irmão de criação".

24 Cf. "A Língua" Capítulo 4. In: BAÊTA NEVES, Luiz Felipe. op. cit.

25 Cf. ALTHUSSER sobre a nomenclatura do sujeito na ideologia religiosa (in 1974).

26 É notável como Vieira salienta verdades/qualidades (aqui, da neve) para direcionar o discurso. Esta mesma neve poderia ver suas virtualidades/virtudes destacadas em sentido diametralmente oposto, se fosse do interesse vieiriano.

Vieira nos dá um magnífico exemplo de como traduz a Bíblia e a põe a serviço de seu discurso respeitando rigorosamente<sup>27</sup> a palavra de que trata:

"E em que consistia o ser imaculado o cordeiro? Cuidam muitos que consistia em ser extremamente branco, que nem sinal nem mancha alguma tivesse de preto. Mas não eram estas as manchas ou máculas que Deus proibia. Não estava a mancha na cor, senão no corpo da vítima. Se a inteireza natural do corpo do cordeiro não tinha defeito ou deformidade alguma, ainda que fosse em uma só unha, era imaculado. E quanto à cor, ou fosse todo branco, ou todo preto, ou branco com parte de preto, ou preto com parte de branco, igualmente era aceito a Deus e digno de seus altares: *Immaculatus esse debebat, id est, integer, et sine vitio corporis: poterat tamen esse albus, niger, et habere maculas albas, vel nigras*, comenta o douto A Lápide" (id., p. 158).

E como se divide aquilo a que Vieira chama de "nossa república" (deve estar se referindo ao Brasil, no caso)<sup>28</sup>?

"Consta esta grande república de três sortes ou três cores de gentes: brancos, pretos e pardos (...) seguindo, porém, todos mais a diferença das cores que a unidade da profissão (fé religiosa - L. F. B. N), não só não vemos unidas em uma irmandade, ou divididos em duas, mas totalmente separados em três" (id., p. 133).

E a culpa de tal situação é de âmbito humano e de grave alcance já que acarretou uma situação 'nova' ou inusitada: o surgimento de uma 'outra' dentre as classes de cor e uma total separação das mesmas. A culpa não é igualmente repartida; há um principal responsável na cor surgida:

27 Em complemento à nota imediatamente anterior o conhecimento linguístico - filológico e semântico, especialmente - é decisivo para a posição discursiva do sermoneiro porque ele terá que descobrir 'tudo' das palavras mesmas que estão escritas *daquele modo n'Aquele Livro*.

28 É interessante perceber que o discurso, neste momento, recobre toda a realidade histórica brasileira. E de forma 'afetuosa' com "nossa" e "grande". Interessa-se, elogia ... e se integra.

29 Tudo aponta para uma sinonímia entre "mulato" e "pardo", no texto. De todo modo, é útil ressaltar que alguns conquistadores e cronistas chamaram de pardos alguns nativos africanos nem pretos nem brancos que não eram, necessariamente, o resultado mestiço destas duas "raças" (cores). O mesmo ocorreu com a nomeação de algumas tribos indígenas no Brasil. (Cf. GOULART, 1975).

30 Contrasta o prestígio da Senhora do Rosário com a de Guadalupe.

"Os em que acho menos razão são os pardos, porque não só separaram a irmandade, mas mudaram o apelido<sup>29</sup>. Os brancos e os pretos, sendo cores extremas, conservaram o nome do Rosário, e os pardos, sendo cor meia entre as duas, por mais se extremarem de ambas, deixado o do Rosário, tomaram o de Guadalupe" (id. *ibidem*)<sup>30</sup>.

É curiosa a importância que Vieira dá aos pardos; eles teriam força suficiente para separar aqueles que, aqui, são elementos constituintes de uma 'irmandade'. Para a ideologia vieiriana os pardos teriam incorrido em dois 'erros' graves. O primeiro seria a própria indefinição de sua cor, que não é extrema e facilmente determinável pela visão como as outras duas; é cambiante e mesclada o que, já vimos, não é uma qualidade positiva no discurso analisado. O segundo é o *abandono de seu cognome religioso* (apelido): rompem com uma tradição, trocam por si mesmos uma nomeação (e além do mais prestigiosa como a do Rosário, por outra, como a de Guadalupe). Para tanto, a razão seria sua cor "meia entre as duas" extremas e que os levou a se "extremarem" (palavra de sentido duplo precioso; no infinitivo: apartar-se, distinguir) de ambas. As separações entre os homens obedecem tanto a motivos de ordem ético-religiosa quanto a razões físico-corporais, estando ambas as causas em mutável mas permanente conexão.

Vieira segue falando desse incômodo *tertius recém-surgido*. E ele procura encaixá-lo em alguma de suas categorias aceitas, para que a classificação do mundo não perca a nitidez:

"Bem puderam os pardos agregar-se aos pretos pela parte materna, segundo o texto geral: *Partus sequitur ventrem*, mas eu não quero senão que se agregassem aos brancos, porque entre duas partes

iguais, o nome e a preferência deve ser da mais nobre" (id., p. 134).

A nobreza do branco é tão forte que consegue sobrepujar uma filiação materna, o que não é pouco para Vieira, adepto fervoroso e teórico freqüente do poder e da graça da Mãe de Deus e dos homens. Se aqui Vieira escancara sua real preferência pelo branco e postula que o sentido da necessária aglutinação dos pardos seja nesta direção, é importante notar que ele mantém o tom igualitarista de seu discurso ao falar, também expressamente, em "duas partes iguais"<sup>31</sup>.

\*\*\*

A maior nobreza da cor branca poderia ser comprovada pela natureza mesma. Apesar de dias e noites serem iguais - os primeiros brancos, as segundas, pretas - em duração temporal, o espaço de vinte e quatro horas foi, desde Deus, chamado de 'dia'. Daí, a meticulosa (e tortuosa, muitas vezes, para nossos hábitos mentais) lógica de Vieira o leva à comprovação de uma igualdade 'menor' dos pretos, pares da noite<sup>32</sup>.

Os pardos (mulatos) são portanto 'expulsos' da fraternidade humana por Vieira em nome de uma

fraternidade de brancos e pretos. No sermão, a autoria da expulsão se altera e se lança mão do sentido duplo da palavra irmandade (de todos os homens; do Rosário): "Excluídos assim, porque se quiserem excluir, os pardos, ficam só os brancos e pretos, cujas cores, ainda que extremas, se poderão muito bem unir na mesma irmandade" (id., p. 135)<sup>33</sup>

A igualdade dos homens é *natural*, assim como sua união; a história humana as *perverteu*, vimos. E Vieira nos expõe a origem do homem e a origem das raças tal como se deu no início dos tempos. E o que vamos relatar não é, para a ideologia do jesuíta, a narrativa de uma ficção. Não; tais eventos efetivamente se passaram e o papel do sermoneiro é o de anunciar (ou lembrar) seu desencadear.

"Havendo Deus criado o primeiro homem, pôs-lhe por nome Adão, que quer dizer *ruber*: vermelho, por ser esta a cor do barro do Campo Damasceno, de que o formou (...) Mas, se o intento de Deus era formar-lhe o nome da mesma matéria de que continha formado, e a matéria era o barro vermelho, por que lhe não deu nome de barro, senão o da cor, *ruber*? Porque no barro não havia perigo de se desigualarem os homens, na cor sim, porque uns haviam de ser de uma cor, e outros de outra. E não quis Deus que aquela cor

31 Sobre o igualitarismo de Vieira, v. "O Poder", Capítulo 4. In: BAÊTA NEVES, Luiz Felipe. op. cit.

32 Os pardos não seriam senão o interstício - a realidade movente e difícil de ser discernida - o lusco-fusco do crepúsculo ou da madrugada.

33 Não se tem conhecimento histográfico preciso da fundação das primeiras *irmandades* de negros na Bahia. O certo é que já estão em funcionamento em 1685. Há notícias das mesmas em outras regiões mais cedo, isto é, Rio de Janeiro (1639); Belém (1682). As irmandades compõem-se de africanos *ladinos*, crioulos e mulatos separadamente. Esta discriminação se deve a sua organização em bases tribais.

As primeiras a surgir são as confrarias do Rosário, compostas de negros oriundos de Angola, que são os mais numerosos nas cidades. Portanto, em princípio, são essencialmente urbanas: Além destas, há a de Nossa Senhora de Guadalupe (de mulatos) e a de Nossa Senhora da Conceição dos pardos, na Bahia. O estatuto das irmandades prevê, como acima, a afiliação tribal. Procuraram dar segurança, conforto e auxílio mútuo nas necessidades de orfandade, viuvez e garantiam sepulturas gratuitas. Mesmo com a seleção etno-africana, alguns brancos detinham cargo decisivo, o de tesoureiro. Isto comprovadamente, em Pernambuco. Os santos "pretos" que nomeiam estas instituições de confrades são: Sta. Ifigênia, Sto. Elesbão, Sto. Antonio de Catallagiona, Sta. Edwiges, Sto. Antonio de Lourdes. Os geges tinham uma irmandade importante na Bahia que era a do Senhor da Redenção (1752). São Benedito, o chamado mouro siciliano, cuja morte ocorreu em 1589, só teve sua devoção autorizada pela Igreja em 1743. Isto retardou a inauguração de suas irmandades.

Após o meado do século XVIII, a destribalização se verifica devido entre outras causas aos diversos caminhos que a evolução urbana passa a oferecer para a ascensão social. Diminuem gradativamente as organizações tribais e passa a haver uma 'mistura' com as camadas pobres da cidade devido o aparecimento dos negros de ganho.

As confrarias elegiam ou confirmavam a escolha de reis do Congo, de juizes e juizas de Angola, de governadores de nação, de capatazes, de companhias de trabalho e projetavam ascencionalmente seus membros na sociedade colonial. Por outro lado, com seus festejos ruidosos e suas disputas étnicas eram um anteparo a outros tipos de organização essencialmente mais desagregadoras, como os quilombos. Cf. CARNEIRO (1964), ALBUQUERQUE (1981) e RODRIGUES (1976).



fosse alguma das extremas, quais são a branca e a preta, senão outra cor meia e mista, que se compusesse de ambas, qual é a vermelha, para que na mesma mistura e união da cor se unissem também os homens de diversas cores, ainda que fossem tão diversas como a branca e a preta. Por isso no mesmo nome de Adão lhe distinguiu também Deus as terras, em que, segundo a qualidade de cada uma, se lhe haviam de variar as cores. É advertência engenhosa de Santo Agostinho, o qual notou que as quatro letras, de que se compõe o nome de Adão, são as mesmas que no texto grego dão princípio às quatro partes do mundo, Oriente, Ocidente, Setentrão, Meio-dia. E, como os homens divididos pelas mesmas quatro partes do mundo, os da Europa, os da África, os da Ásia e os da América, conforme os diferentes climas, haviam de nascer de diferentes cores, traçou a sabedoria do Sumo Artífice que, assim como em todo nome de Adão: *Ruber*, estava rubricada a memória do Pai e sangue comum de que descendiam, assim a cada letra do mesmo nome respondessem os diversos climas do mundo que lhes haviam de variar as cores, para que na variedade da cor se não perdesse a irmandade do sangue" (id., p. 157-158).

De início, a teoria das palavras. Deus poderia optar para nominar o primeiro homem entre a matéria com que o formara e a cor da mesma. A escolha das palavras é extremamente importante, porque nelas se lê o mundo e o céu, e as palavras devem se referir, devem ser um duplo, de coisas tão concretas como ela. E, como a origem, o nascimento, a filiação tem um alto valor heurístico-sagrado, o nome Adão se faz da própria origem, física de seu ser, havendo Deus optado pela cor do barro de que o fez (o barro existe, tanto quanto o Campo Damasceno). E se Deus fez esta escolha, prossigamos na decodificação das Sagradas Escrituras. Ele - como quase sempre - teve razões 'racionais' e inteligíveis para tanto. Essas razões partem, é certo de alguns *a priori* que não precisariam ser explicados: a necessidade de união humana; a determinação de que haveria raças e raças diferenciadas pela cor. Deus opta pelo barro porque é matéria irremediavelmente original e imutável de todo e qualquer homem; é algo sagrado, fora de opções

humanas, o símbolo eterno de um mesmo nascimento. Mas ao lado dessa opção por um signo único de origem, Deus optou também por nominar o primeiro homem pela cor vermelha. Que é também um signo de união, mas de uma união que seria o resultado final de uma mistura, compósito de elementos extremos. Elementos que são preto e branco, homens e cores. E o resultado da mistura é uma cor visualmente distinta das extremas (apesar de contê-las); não é o indeterminado e impreciso pardo dos mulatos...<sup>34</sup>

\*\*\*

E Deus separou as terras do mundo para que em cada uma delas morassem os homens, segundo suas cores. Note-se a importância da divisão do espaço, da matemática dispersão dos seres na geografia do mundo, a adequação perfeita de seres e coisas, do amor a vértices polares. Esta é a vontade de Deus, como também o é o mistério das letras do nome de Adão como continente da terra e que o engenho de Santo Agostinho decifrou: Adão é o acróstico do mundo, de cada uma de suas letras começa a se escrever (a existir) uma das quatro pontas da estrela: Oriente, Ocidente, Setentrão, Meio-dia. Em grego<sup>35</sup>.

As partes do mundo correspondem também os quatro nomes maiores da geografia de Vieira: Europa, África, Ásia e América. Lição de geografia física e de geografia humana. Tais pontos cardeais têm suas peculiaridades individualizadoras e, pois, climas diferentes a que se conformariam raças diferentes. Se tudo é desígnio da Divina Providência é fundamental para a compreensão da ideologia vieiriana que se perceba o papel que a terra, o século, a vida material, o cenário do mundo humano assumem. Não se fala só em uma determinação etérea de Deus; não, as cores, as matérias-primas, a geografia, o clima e mesmo a história participam do processo de construção da Verdade.

Mas os homens não nasceram de cores diferentes, no mundo: "Por espaços de dois mil anos foram da mesma cor todos os homens, até que, habitando as duas Etiópias os descendentes do segundo filho de Noé, começaram muitos deles a ser pretos" (id., p. 158). A precisão, a certeza na precisão dada pelos números: dois mil anos, duas

34 Cf. nota 32.

35 N.B. como é rico o *thesaurus* do conhecimento sacralizado. Busca-se o grego (que, dizem estudiosos, Vieira não conhecia praticamente...) para 'resolver' uma questão difícil.

Etiópias, segundo filho de Noé (é curioso perceber como os mesmos números se desdobram, se repetem para mais de uma realidade; aqui, 2 a 2, mas em outras passagens: 3 a 3, 4 a 4, etc), o nascimento da segunda cor humana. A narrativa bíblica é a narrativa da história humana; não há distinção entre história 'mítica' e história 'científica' - e Vieira vai, assim, sem problemas teóricos 'humanificando' seu referencial<sup>36</sup>.

Ainda aqui não se fala dos demais habitantes (ou 'habitadores') deste mundo. Vieira limita-se a falar de brancos e pretos, não mencionando quais as cores (quem são?) dos que vivem na Ásia e na América. De qualquer modo, são todos oriundos do mesmo sangue - e se vê como é antiga a estreita sinonímia entre *sangue* e *raça*.

"Digo que estima tanto o Filho de Deus os pretos que, mil anos antes de tomar o nosso sangue, deu aos pretos o seu (...) Esta é a origem dos imperadores da Etiópia, mil anos, como dizia, antes da Encarnação do Filho de Deus (...)" (id., p. 161-162).

A *anterioridade cronológica* é sinal altamente positivo, como se a sucessão de números que marca a régua do tempo fosse se embecendo de divindade à medida que fossem se aproximando da data da criação do mundo, do número um, de Deus. A primazia é uma dádiva divina e os pretos devem estar atentos a isto, "(...) porque a Etiópia e os etíopes seriam os primeiros, entre todos os gentios, que receberiam a fé do verdadeiro Deus" (id., p. 163-164)<sup>37</sup>. Atentos também devem ficar brancos e cristãos, como os portugueses, que devem mitigar seu orgulho de cor porque, comparada à dos pretos, sua história tem uma *quantidade* de anos desfavoráveis já que idólatra e desconhecadora de Cristo:

"E senão, digam-me os mesmos portugueses qual era a sua religião naquele tempo, e muitos anos depois. O que se acha em pedras e inscrições antigas é que dedicaram templo a Otaviano Augusto, templo a Trajano e a todos os deuses, templo a Isis, templo e estátuas a

Tibério e sua mãe Lúvia, templo e estátuas a Nero e sua mãe Agripina. E, quando os portugueses, sem lhes fazerem as faces vermelhas na sua branquela, reconheciam divindade nestes monstros de ambição e de todos os vícios, os pretos nos seus altares adoravam o verdadeiro Filho de Deus e a verdadeira Mãe do mesmo Filho". (id., p. 166).

O jogo de contrastes de Vieira é meio lúcido para se chegar a uma conclusão (juízo) do tema exposto: aqui não há pretos e pretos... mas *os* pretos que se distinguem dos brancos, a metonímia toma o lugar da metáfora. O que, neste caso, é facilitado pelo pensamento euro-cêntrico de Vieira e pelo conhecimento geográfico da época: África e Etiópia se confundem, a segunda é sinônimo da primeira, os pretos são sinônimos entre si. Não há distinções étnicas ou geográficas. Se há o branco, há o preto e, na verdade, o segundo é o *duplo* de uma imagem valorizada e normativa<sup>38</sup>.

\*\*\*

A grande preocupação com a unidade humana de Vieira volta-se para a situação terrena dos pretos, para as causas da desigualdade de vida entre eles e seus irmãos brancos, para a disparidade de fortuna entre eles. O ponto mais nitidamente antagonizado das relações entre uns e outros é a *escravidão* dos pretos pelos brancos. Ela é vista antes de tudo como um grande problema *moral*, já que expressão de uma perversão histórica do Desígnio Divino de uma paz natural entre irmãos na terra. A *escravidão* é um ato de força e não de razão.

A *imoralidade da escravidão* começa antes mesmo do trabalho dos pretos no campo. Começa no próprio tráfico de escravos e de imenso número de escravos, no caso do Brasil: "Oh! trato desumano, em que a mercância são homens! Oh! mercância diabólica, em que os interesses se tiram das almas alheias, e os riscos são das próprias!" (id., t. 11, p. 64). Tal comércio transgride duas vezes a moral: a primeira, porque acarreta uma situação de iniquidade; a segunda, porque há, para o jesuíta, uma ética do próprio comércio que não é observada. Assim, parece que o *código de comércio* de

36 Cf. Capítulo I. In: BAËTA NEVS, Luiz Felipe. op. cit. sobre a realidade narrativa do Evangelho.

37 O texto refere-se à "Etiópia" como entidade única ("Etiópia" e, bem entendido, seus filhos "etíopes") ao se referir a um local originário. Que, pela 'sacralidade' que abençoa (quase) toda origem, esconde que o próprio texto, em outros trechos reconhece diferenciações internas e nomações peculiares ao falar das "nações" negras.

38 Duplo que parece servir de contraste de fundo destinado a realçar em plástico *chiaroscuro*, o branco

Vieira é desrespeitado quando homens são vendidos e comprados e - pior - há uma troca gravíssima que considera como matéria mercantil algo que é do reino da natureza (divina) e não do da história: a *alma humana*<sup>39</sup>. Não tem, portanto, a crítica como objeto o comércio 'em si' nem, tampouco, o comércio enquanto área de relações econômicas determinadas no século XVII europeu, etc. O mesmo parece acontecer com a crítica do mesmo quanto à escravidão (relações econômicas agrárias etc.). Seria, entretanto, errôneo considerar que Vieira fala metafisicamente de uma abstração. Não, ele efetivamente observa o mundo (a história) concreto dos homens - seu olhar aqui não é para frutos de um imaginário 'literário'. Apenas ele reduz a história àquilo que a determina que é a ação moral do homem (aqui, face a seu semelhante)<sup>40</sup>.

O sistema escravista, para Vieira, compõe-se essencialmente de *duas personagens*, que são os atores históricos em que se representa todo o sistema. Seu esforço será o de demonstrar o grau de afastamento da religião de cada um dos dois e propor alterações de pensamento e conduta capazes de reescrever cristãmente o mundo.

A poderosa imagística vieiriana descreve assim a dialética senhor-escravo no Brasil:

"Os senhores poucos, os escravos muitos; os senhores rompendo galas, os escravos despidos e nus: os senhores banqueteados, os escravos perecendo à fome; os senhores nadando em ouro

e prata, os escravos carregados de ferros; os senhores tratando-os como brutos, os escravos adorando-os e temendo-os, como deuses; os senhores em pé, apontando para o açoite, como estátua da soberba e da tirania, os escravos prós-trados com as mãos atadas para trás, como imagens vilíssimas da servidão e espetáculos da extrema miséria" (id., p. 64-65).

A enumeração de Vieira atinge as expressões mais fortes das disparidades existentes na colônia. Talvez, o mais importante confronto - porque organiza e sustenta ideologicamente os demais - seja o que descreve a **posição ideológica** de um grupo face ao outro: "(...) os senhores tratando-os como brutos, os escravos adorando-os e temendo-os como deuses (...)"<sup>41</sup>. Os senhores acham que os escravos não são exatamente 'homens', estando muito mais próximos da animalidade; os escravos, pelo contrário, abaixados, olham com subserviência para o alto e vêem um exacerbado oposto da animalidade - a divindade. Na verdade, Vieira parece *próximo* à posição dos senhores na medida em que supõe uma quietude e um deslumbramento parvo e rastejante dos escravos, que também se 'maravilham' de forma muito semelhante quando Vieira descreve a chegada dos portugueses à Etiópia levando o Cristo e a civilização. O narcisismo branco-europeu-cristão não parece distanciar muito Vieira dos senhores de escravos, neste ponto. O que os distancia é a exibição pecaminosa

39 Sobre a 'criação da alma', é importante recordar a posição da psicologia dos conimbricenses. Estes, sempre, decisivos para a história cultural portuguesa nos séculos XVI e XVII. Para eles, segundo ANDRADE (1982, p. 107): "É Deus quem cria a alma racional, sempre que nasce um novo homem. Concordam com São Tomás. E por quê? Porque as almas não podem derivar da matéria, como está provado, nem os Anjos são capazes de as criarem. Quem cria, produz do nada, i. e., exclui qualquer coisa prévia - condição incompatível com as causas segundas".

40 Determinação humana que, repita-se, é possibilidade, determinada pelo desígnio divino

41 O que não impediu que insurreições escravas e quilombos surgissem na Bahia já em 1629. Um quilombo na localidade do atual Rio Vermelho, Salvador, foi destruído por ordem do governo da Capitania em 1642. Suas principais atividades eram assaltos às estradas, concomitante às saqueadoras de índios da região. Em Itapicuru - sertão - foi extinto outro quilombo em 1636. Em 1640 a Câmara da cidade de Salvador discutiu a destruição do quilombo próximo ao Rio Real. Sugeriu-se enviar uma tropa do terço dos Henriques (soldados pretos) e de um padre a fim de prometer-lhes liberdade. Esta moção foi rejeitada pois os membros da Câmara preferiram extinguí-lo a fim de tirarem proveito da captura de homens aptos, mulheres e crias nascidos em liberdade, o que valeria um razoável botim possível de ser trocado por riquezas com os senhores de terra interessados em rever ou comprar novos escravos. Vale notar que o comércio negreiro estava em alta no exterior, além do que a capitania da Bahia passava por uma crise econômica na atividade açucareira devido à proximidade com a capitania de Pernambuco. Esta, no momento às voltas com a ocupação holandesa que mantinha o domínio do tráfico internacional, e a guerra contra os mercadores portugueses em Angola. A captura de quilombolas e não só a paz beneficiaria estas classes assim como os capitães-do-Mato.

Entre 1629 e 1637 laudos com estas recomendações foram colocados em prática. Entretanto, isto não impede a proliferação dos quilombos em várias localidades da Bahia e Sergipe d'El Rei. V. PEDREIRA (1973).

de empáfia e orgulho, por parte dos senhores, dessa ideologia comum a ambos e os excessos pragmáticos, a superpotencialização nos atos quotidianos das relações entre dominadores e dominados<sup>42</sup>.

\*\*\*

Mas seria apenas uma desgraça a sorte dos escravos? Não, eles são e serão altamente compensados se souberem *compreender* sua situação de vida terrena e o adequado *comportamento* que nela devem ter para alcançar a eterna bem-aventurança. A tática de convencimento de Vieira leva em consideração, a seu modo, a realidade conhecida de seu auditório (dirige-se também a pretos, no trecho que a seguir se transcreve de um sermão proferido "na Bahia, à Irmandade dos Pretos de um Engenho, em dia de São João Evangelista. Ano de 1633":

"(...) deveis dar infinitas graças a Deus por vos ter dado conhecimento de si, e por vos ter tirado de vossas terras, onde vossos pais e vós vivíeis como gentios, e vos ter trazidos a esta, onde, instruídos na fé, vivais como cristãos, e vos salveis" (id., t. 9, p. 250).

O conhecimento de Deus não é um mero aperceber-se da existência de uma realidade exterior e superior aos homens; é um conhecimento - o conhecimento, por excelência - da própria pessoa, até então sem identidade e sem nome na sintaxe terrena. Deus é o *doador* do conhecimento e o fez, na contingência da história, *por meio* daqueles que escolheu. Por outro lado, a gentilidade se liga a um lugar geograficamente determinado e a uma filiação. Os pais foram gentios, e os filhos o foram, na África. Os agentes divinos da transmigração dos pretos vêm de fora - de fora da África e da linha de descendência familiar dos etíopes. Muito mais importante do que o sofrimento enquanto escravos é a *possibilidade agora aberta* de salvação em um "Céu sem Cores". A fé religiosa é a determinante em última instância do mundo e domina, sem dúvida, todas as dimensões da experiência histórica. Os etíopes devem, pois, agradecer por terem sido escolhidos, dentre tantos, para receber a bênção de esperança de um encontro com Deus:

"Oh! Se a gente preta, tirada das brenhas da sua Etiópia, e passada ao Brasil, conhecera bem quanto deve a Deus e a sua Santíssima Mãe por este que pode parecer desterro, cativo e desgraça, e não é senão milagre, e grande milagre?" (id., p. 253).

Há uma *homologia* entre a selvageria e feiúra das brenhas da Etiópia e a gentilidade de seus habitantes, diferente do Brasil cristão.

Aquilo que Vieira chama de transmigração dos pretos é para ele um *mistério divino*. E - como leitor qualificado e pregador do texto sagrado - cabe-lhe *decifrar* o que parece contraditório (Deus permitindo a vitória da iniquidade na terra). Como Deus não erra, são os homens que erram ao verberar aos céus uma realidade que não é senão uma enganosa, para os impacientes, capa da verdade. A verdade real é que "(...) neste mesmo estado da primeira transmigração, que é a do cativo temporário, vos estão Deus e sua Santíssima Mãe dispondo e preparando para (...) a liberdade eterna" (id. t. 11, p. 70). Nota-se a relevância que assume a experiência humana no contexto social como plausível caminho para a salvação. A ideologia de Vieira não postula um insulamento ou um afastamento do mundo como formas únicas de um viver terreno frutuoso. Não; assim como o próprio missionário se volta para o mundo - e todos os mundos que o mundo (Europa) há tão pouco descobriu - os homens não precisam se apartar do século e suas vicissitudes. Qualquer estado de vida é passível de ser 'apropriado' cristãmente: "Sabeis qual é o estado do vosso cativo, se usardes bem dos meios que ele traz consigo, sem acrescentardes nenhum outro? É um estado não só de religião, mas uma das religiões mais austeras de toda a Igreja" (id., p. 104). A questão para o escravo é de entender corretamente sua situação, sob pena não de perder uma vida, mas também a segunda e eterna. Note-se, ainda, a forma positiva com que é valorada a *austeridade*, a possibilidade de existência de mais de uma 'religião'<sup>43</sup> dentro da Igreja (fato altamente significativo se comparado à tradição monolítica com que *ela* sempre se viu e foi vista - e isto enunciado com as feridas da Reforma ainda abertas e dolorosas) e, como sempre, a necessidade de *cotejar*, medir para melhor *julgar*. E Vieira justifica e detalha sua opinião acerca de tal religião: "

42 O que, aliás, poderia ser uma boa definição para a definição de "orgulho" para a ideologia do pecado Vieira.

43 Aqui, creio, como sinônimo de prática *efetiva*.

"(...) toda a religião tem fim e vocação, e graça particular. A graça de vossa são açoites e castigos: *Haec est gratia apud Deus*; a vocação é a imitação da paciência de Cristo: *In hoc vocati estis, quia et Christus passus est*; e o fim é a herança eterna por prêmio: *Scientes quod accipietis retributionem haereditatis. Domino Christo servite*" (id., p. 105).

Os trechos em latim são da Bíblia e têm a seguinte tradução: "Isto é o que é agradável diante de Deus"; "Para isso é que vós fostes chamados, posto que Cristo padeceu também por nós"; "Sabendo que recebereis o galardão da herança. Servi a Cristo, o Senhor", respectivamente <sup>44</sup>. A graça do sofrimento físico-corporal é o pagamento antecipado de um resgate: o resgate da alma que depois, para sempre, não sofrerá. Quanto à vocação, se a história sagrada relata o padecimento de Cristo, à tal cena primeira deve corresponder a segunda cena que os pretos têm a ventura de poder re-encenar no 'teatro do mundo' (esta, expressão caríssima a Vieira porque permite a realização visual e palpável da repetição de uma cena modelar através do exercício da imitação) <sup>45</sup>. O fim, a *recompensa* é algo que não é deste reino, nem deve aqui ser aguardado; há uma descontinuidade e, ao mesmo tempo, uma relação estreita entre o domínio sagrado e o domínio profano <sup>46</sup>.

E prossegue a teoria da escravidão de Vieira, agora com uma importante flexão em seu discurso:

"Sabei, pois, todos os que sois chamados escravos, que não é escravo tudo o que sois. Todo o homem é composto de corpo e alma, mesmo o que é e se chama escravo não é todo homem, senão só a metade dele. (...) E qual é esta metade escrava e que tem senhor, ao qual é obrigada a servir? Não há dúvida que é a metade mais vil, o corpo. (...) a melhor parte do homem, que é a alma, é isenta de todo o domínio alheio, e não pode ser cativa" (id., p. 72).

Vieira incorpora a seu universo ideológico a distinção binômica entre corpo e alma que passa a coexistir (sem dificuldade?) com as noções de

exterioridade como critério de verdade <sup>47</sup>. E incorpora também as qualidades habitualmente citadas de cada uma das partes resultantes de tão clara (aritmética) divisão. Passa a ser possível falar com maior sustentação teórica contra a escravidão terrena retirando-se de seu âmbito... a melhor parte do homem. É fundamental que se perceba aqui o contexto histórico onde (de onde) fala Vieira. O que ele faz agora - e em seguida veremos como sua posição se desdobra - não é uma sofisticada defesa 'objetiva' da escravidão diabolicamente escondida em um cipoal de alegorias e citações, como gosta de acreditar certa moralista e metafísica 'ciência da história'... Se é certo que ele não prega a extinção pura e simples de toda escravidão, não é menos certo que Vieira *corrói as bases de sustentação ideológica do regime e diminui sua legitimidade* já que a teoria da história, do poder etc. da época é vassala da teoria cristã do mundo e, portanto, se esta desbasta a área de legitimação do poder isto não pode ser considerado como mera e irrelevante crítica 'subjéctiva' ao colonialismo escravocrata de Espanha e Portugal.

A *alma* "ameteade nobilíssima", pode contudo ser cativa:

"Digo, pois, que também a vossa alma, como as dos mais, pode ser cativa, e quem a pode cativar não são os vossos senhores nem mesmo o rei, nem outro algum poder humano, senão vós mesmos, e por vossa livre vontade. (...) Mas o mal e a miséria, que totalmente vos fará miseráveis, é que fazendo-vos a vossa fortuna cativos só no corpo, vós, muito por vossa vontade, cativéis também a alma" (id., p. 75-76).

A alma é, neste sentido, propriedade pessoal dos indivíduos; ela é, pois, a-histórica, no sentido de que não está atrelada a esta ou aquela contingência do indivíduo. Este tem um poder absoluto dela, um poder que pode *usar* a história adequadamente ou não mas não é produto da história. Abrem-se as portas para uma apropriação profficua, cristã, do cativo pelos escravos. Estes só serão totalmente escravos se entregarem sua alma ao Diabo. Nessa opção, haveria uma duplicação do inferno... e do Diabo que teriam, entre seus imitadores terrenos,

44 O jesuíta, como que acuado por uma realidade que ele recrimina, acaba por justificá-la, em certo sentido, talvez sob a pressão da visualidade da *realidade* que tanto respeita.

45 Que é um 'exercício real' para a similitude (quanto ao divino), aspiração máxima do humano

46 De que, certamente, a similitude (e o sacerdócio) são mediadores.

47 Cf. Capítulo I. In: BAËTA NEVES, Luiz Felipe, op. cit. sobre a noção de exterioridade.

os senhores. (Vieira parece jamais chegar a nominar expressamente os senhores de escravos desta colônia ibérica de 'diabos', mas a lógica de sua fala e o implícito em seu discurso permitem sem dúvida a conclusão)<sup>48</sup>. E a angústia de Vieira, do início do sermão citado "(...) não posso entender que Deus que criou estes homens tanto à sua imagem e semelhança, como os demais, os predestinasse para dois infernos, um nesta vida outro na outra" (id., p. 66) deixa de existir a partir do momento em que ele decifra concretamente o sagrado criptograma e vê que os 'dois infernos' não são uma necessidade mas uma possibilidade regida por uma disposição pessoal do homem.

\*\*\*

A alma é objeto de uma venda, o comprador é o demônio e o preço é o pecado; a didática de Vieira lança mão de uma imagem mercantil bem próxima do discurso do comércio escravista tratando 'profanamente', 'prosaicamente' o tema - e evitando alusões etéreas e celestiais. "A lei é espiritual, porque ordena o que convém ao espírito e à alma; o homem é carnal, porque naturalmente apetece o que pede a carne, o corpo" (id., p. 77). Ambos, Deus e o Demônio oferecem recompensas. O primeiro dará, aos que na terra agirem corretamente, o céu; o segundo fornece dádivas imediatas e de acordo com o que lhe pedir o desejo dos homens. Os homens devem, pois, estar atentos a suas inclinações imediatas, próximas à carne e ao Demônio. É curioso perceber que convivem na ideologia de Vieira duas noções pelo menos aparentemente antitéticas: a de uma *natureza humana divina* e a de uma *natureza humana naturalmente carnal*. É possível que a 'carnalidade' venha do pecado original que marcaria um ponto de eterna tensão entre as 'duas' naturezas do homem. Vieira lança mão de outra imagem mercantil ao afirmar que a alma é objeto de um permanente leilão, com lances dados por Deus e o Demônio, por aqueles que querem por a alma à venda. O primeiro leilão foi o do 'Paraíso terreal', que resultou no pecado original. Se analisarmos a posição de Vieira, podemos depreender que o grande erro estaria no leilão mesmo já que a alma é do domínio do sagrado e não pode ser colocada 'em suspenso' entre o sagrado e o profano. Inclusive porque

Vieira não parece confiar muito na possibilidade de uma correta opção humana em um caso como esse:

"Posta, pois, a alma como em leilão entre Deus e o demônio, entre a lei e o pecado, que faz a vontade e o livre alvedrio, que é o senhor de todas as nossas ações e resoluções? Em vez de receber o lanço de Deus, aceita o do demônio (...)" (id., p. 77-78).

O próprio pôr em leilão é uma espécie de pecado original capaz de perturbar o arbítrio humano que não poderia ser considerado permanentemente - e genericamente - corrupto e voltado para o Mal. Se fosse assim, este mesmo arbítrio não seria capaz de escolher Deus e, como são os homens que decidem sua sorte, não haveria cristãos.

É importante lembrar que para a escolha humana entre o Bem e o Mal é indispensável que os homens saibam que o Cristo existiu. A teoria jesuítico-missionária acredita, portanto, que o homem não nasce com o conhecimento de seu Salvador. O cerne do projeto missionário nos novos mundos é o de levar ao gentio a possibilidade desse conhecimento. Quando o trabalho missionário é impedido ou dificultado por outros homens - e homens supostamente cristãos - a ira de Vieira se abate sobre eles (no caso, os que ele chama de "régulos do nosso Recôncavo"):

"É possível que por acrescentar mais uma braça de terra ao canavial, e meia tarefa mais ao engenho em cada semana haveis de vender a vossa alma ao diabo? Mas a vossa, já que o é, vendei-lha, ou revendei-lha embora. Porém, as dos vossos escravos, por que lhas haveis de vender também, antepondo a sua salvação aos ídolos de ouro, que são os vossos malditos e sempre malogrados interesses? Por isso os vossos escravos não têm doutrina, por isso vivem e morrem sem sacramentos, e por isso, se lhes não proibis a igreja, com sutileza de cobiça que só podia inventar o diabo - para que o diga na frase do vulgo - não quereis que vão à porta da igreja. Consentis que os escravos e escravas andem em pecado, e não lhes permitis que se casem, porque dizeis que casados servem menos bem. (...) Prevalença o meu serviço ao serviço de Deus, e contanto que os meus escravos me sirvam melhor,

48 Conclusão a que certamente também chegaram os senhores, quanto a Vieira, e que a história de suas (de Vieira) expulsões do Brasil bem relata...

vivam e morram em serviço do diabo. Espero eu no mesmo Deus que terá misericórdia da sua miséria e das suas almas; mas das vossas almas, e desta vossa, que também é miséria, não tenho em que fundar tão boas esperanças" (*id.*, p. 79-80).

Os Senhores exercem um anti-cristianismo 'prático' embora se auto-nominem cristãos; impedem - se não a palavra de Deus - pelo menos a *confirmação ritual* desta palavra, o signo de bênção ao diversos estados humanos que são os *sacramentos*, o que os leva, por exemplo, à luxúria.

\*\*\*

A preocupação específica com o *casamento* não parece gratuita. Na verdade, fala do único sacramento que incide fortemente na estrutura do sistema econômico escravista que teria "apenas" que mudar suas regras de reprodução (sem trocadilho) da mão de obra, que não seguiam, como se sabe, as regras de reprodução familiar (quer 'cristã' ou 'etíope'). O pedido por realização de casamentos é inatendível pelo sistema; mas deveria sê-lo já que maior do que este é o Sistema Divino cuja jurisdição não pode ser invadida em qualquer hipótese. Os senhores de escravos não respeitam pois o domínio do sagrado, da alma que não pode ser atingida pela palavra do Senhor. Esta confusão indébita de domínios, os senhores a praticariam a partir do seu próprio nome ("senhor") auto-proclamado, pomposo e propício a ser confundido com a nominação divina de Senhor. Tal imprecisão entre domínios (sagrado/profano) e nomações (Senhor/senhor) é intolerável para uma taxinomia amante de contornos nítidos e de uma ordem estabelecida das palavras e das coisas.

No julgamento de Vieira, os senhores estão em *pior situação* que os escravos porque conscientes de seus pecados (cobiça, especialmente) e vendilhões de suas almas. Mas os escravos não devem se permitir tal erro; devem (até) desobedecer, sofrer e morrer para não vender a alma<sup>49</sup>. Para tanto, basta que reconheçam o âmbito dos poderes terreno e celeste e percebam sua hierarquização interna. Assim,

"Se o senhor mandasse ao escravo, ou quisesse de escrava, coisa que ofenda gravemente a alma e a consciência, assim como ele o não pode

querer nem mandar, assim o escravo é obrigado a não obedecer" (*id.*, p. 80-81).

Não poderia haver duas éticas; há uma Ética no interior da qual existe *éticas subordinadas*, como a ética do trabalho. É como se não importasse muito o tipo de trabalho (o tipo de 'relações de produção') e sim a forma que assume em cada um deles a vida cristã. E os ardis do Demônio. A Ética está fora da história mas ela deve observar cada uma das formas de ética que surgem na história humana; neste sentido, a Ética não é um discurso bizantino, voltado para si mesmo, a-histórico. Pelo contrário, ele é um instrumento terrível de intervenção na história notadamente quando brandida pelo pastor, *fiscal sacralizado* do mundo profano.

\*\*\*

Qual o resultado da inspeção do olhar do pastor no *universo de trabalho*? Falando da vida dos escravos nos engenhos -

"Não há trabalho nem gênero de vida no mundo mais parecido à Cruz e Paixão de Cristo que o vosso em um destes engenhos (...) Em um engenho sois imitadores de Cristo crucificado: *Imitatoribus Christi crucifixi* - porque padeceis em um modo muito semelhante o que o mesmo Senhor padeceu na sua cruz e em toda a sua paixão" (*id.*, t. 9, p. 261).

Vieira faz uma descrição minuciosa das semelhanças existentes entre a *Paixão* e a *vida dos escravos* - e as semelhanças incluem a existência em ambas as cenas de canas, madeiros, noites indormidas e dias sem descanso, fome, maltratamento, ferros, prisões, açoites, chagas, nomes afrontosos. E Vieira consegue - sensacionalmente, diga-se - encontrar uma cruz física nos engenhos, para completar o quadro: "*Torcular* se chama o vosso engenho, ou a vossa cruz, e a de Cristo, por boca do mesmo, Cristo, se chamou também *torcular*: *Torcular calcavi solus* (Eu calquei o lagar sozinho)" (*id.*, p. 262). O sofrimento dos pretos é, pois, imenso já que se compara ao do próprio, *Cristo*. Se eles se aperceberem disto, poderão transformar tal sofrimento em martírio, ou seja, dor benéfica porque capaz de levar aos Céus. Aos quais se deve agradecer pela oportunidade que

49 Alma que não pertence a César - nem aos que se imaginam na Colônia, em suas propriedades.

deram, aos escravos, de re-encenar um capítulo tão importante da história sagrada e que teve como primeiro protagonista o próprio Cristo.

Qual o *lugar* a quem mais perfeitamente se assemelha o *engenho*, palco de tanta ignomínia e iniquidade? Sem dúvida, ao *inferno*. Se virmos um, estaremos vendo o outro. E Vieira nos dá magnífica descrição, antológica de todos os pontos de vista, do que chama de "doce inferno" (*engenho*)<sup>50</sup>:

"E, verdadeiramente, quem vir na escuridão da noite aquelas formilhas tremendas perpetuamente ardentes: as labaredas que estão saindo a borbotões de cada uma, pelas duas bocas ou ventas por onde respiram o incêndio; os etíopes ou ciclopes banhados em suor, tão negros como arbustos, que soministram a grossa e dura matéria ao fogo, e os forçados com que o revolvam e atiçam; as caldeiras, ou lagos ferventes, com os cachões sempre batidos e rebatidos, já vomitando escumas, já exalando nuvens de vapores mais de calor que de fumo, tomando-os a chover para outra vez os exalar; o ruído das rodas, das cadeias, da gente toda da cor da mesma noite, trabalhando vivamente, e gemendo tudo ao mesmo tempo, sem momento de tréguas nem de descanso; quem vir, enfim, toda a máquina e aparato confuso e estrondoso daquela Babilônia, não poderá duvidar, ainda que tenha visto Etnas e Vesúvios, que é uma semelhança de inferno. Mas se entre todo esse ruído, as vozes que se ouvirem forem as do Rosário, orando e meditando os mistérios dolorosos, todo esse inferno se converterá em paraíso, o ruído em harmonia celestial, e os homens, posto que pretos, em anjos" (id., p. 270).

A exacerbação imagística, a impetuosidade de estilo, o caráter narrativo da pintura estão a serviço de uma descrição do real. De uma realidade terrível que deve ser vivida sabendo-se que a miséria de hoje não é vã porque aqueles que aqui passaram pelo inferno nele não estarão na Eternidade. Os senhores e ricos, pelo contrário, já gozaram na terra o eventualmente merecido e não se deram conta que a roda da fortuna dá voltas às vezes completas (Cf. id., t. 10, p. 173-175).

\*\*\*

A *convicção 'pessoal'* de Vieira a respeito dos escravos irrompe claramente aqui: "Eu confesso

que não reconheço nos escravos geralmente tais virtudes, às quais se possa prometer uma segunda fortuna tão notável como esta (...)" (id., p. 179). Vieira continua afirmando sempre a salvação eterna dos escravos, só que graças a misericórdia da Mãe de Deus. Vieira se permite uma 'confissão' pessoal que provavelmente seria subscrita prazerosamente não só pelos senhores de escravos e pelos 'régulos' mas, também, pelo comum dos portugueses que nesta colônia viviam. É como se o discurso erudito, teologicamente informado, de Vieira cedesse momentaneamente diante de uma soma de elementos ideológicos não-cultivados, de senso comum.

De um *sensu comum* mais próximo à teoria econômica de sua época-mais abstratas, portanto - são algumas passagens de Vieira como: "Rei e reino sem comércio, ou com o comércio desfavorecido, nunca será opulento" (id., t. 9, p. 204), onde se percebe a simbiose entre 'Rei' e 'reino' como atores econômicos (e políticos) e a idéia de que a riqueza vem principalmente de *relações comerciais* favoráveis com o *exterior*. O exterior (nós, inclusive - a Colônia) Vieira o vê, como já foi dito, segundo relações morais em cuja crítica, contudo, vemos uma análise da economia e *do poder*. Por exemplo: "Eles mandam e vós servis; eles dormem e vós velais; eles descansam e vós trabalhai; eles gozam o fruto de vosso trabalho, e o que vós colheis deles é um trabalho sobre outros" (id., p. 274). E compara os escravos a abelhas "As abelhas fabricam o mel sim, mas não para si" (id., *ibidem*). Palavras que não estão distantes das definidoras do conceito de alienação humana (econômica, política, etc.) que tanto preocupou a filosofia alemã no século XIX e, até hoje, embasa ideologicamente tantos discursos sobre a justiça social.

A *economia* tem, portanto, uma *racionalidade*. Ela, inclusive, como os dois séculos anteriores tinham mostrado, supõe a existência de uma *contabilidade* sem a qual seria impossível gerir o mercantilismo. Tal racionalidade, pelo menos para Vieira, não está apenas em um 'plano estrutural'. Pode ser vista mesma a um nível de observação do cotidiano, entre *relações inter-individuais*: "Porque a vaidade e apetites das mulheres, e as larguezas e loucuras dos filhos, são uma das principais causas por que os maridos e pais se endividam no que não podem pagar e roubam o que não hão de restituir" (id., p. 187). De saída,

50 Que se imagine a reação do auditório diante do que se lerá



estão excluídos da análise os escravos e suas famílias - o que sequer é dito, mas 'suposto' pelo sócio - centrismo da fala de Vieira. Em seguida, fala-se dos erros de mulheres e filhos, erros que são

uma mistura de pecados ( vaidade) e irrazão (loucuras). Ambos antagônicos ao homem e à racionalidade, inábeis portanto, pelo sexo e pela idade, para a gestão da economia e ... do poder.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Manoel Maurício.** *Pequena História da Formação Social Brasileira*. Rio de Janeiro: Graal, 1981
- ALTHUSSER, Louis.** *Eléments d'Autocritique*. Paris: Hachette Littérature, 1974.
- ANDRADE, Antonio Alberto Banha de.** *Contributos para a História da Mentalidade Pedagógica Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1982
- BARTHES, Roland.** *Sade Fourier Loyola*. Paris: Editions de Seuil, 1971
- CARNEIRO, Edson.** *Ladinos e Crioulos - Estudos sobre o Negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Civilização Brasileira Editora, 1964.
- GOULART, Maurício.** Zurara. In: *A Escravidão Africana no Brasil*. São Paulo: Alfa Omega, 1975.
- LEVI-STRAUSS, Claude.** *La Pensée Sauvage*. Paris: Plon, 1962
- MORAVIA, Sérgio.** *La Scienza dell'Uomo nel Settecento con una appendice di testi*. Bari: Editora Laterza, 1970.
- PEDREIRA, Pedro Tomás.** *Quilombos Brasileiros*. Salvador: Prefeitura Municipal - SMEC, 1973.
- REDINHA, José.** *Etnias e Culturas de Angola*. Luanda: Ed. Banco de Angola, 1974.
- RODRIGUES, José Bonifácio.** *Irmandades no Rio de Janeiro. Cadernos de Estudos sobre o Negro*. Niterói: UFF, 1975.
- VIEIRA, Padre Antonio.** *Sermões*. 24 volumes. São Paulo: Editora das Américas, 1957.

---

LUIZ FELIPE BAÊTA NEVES é Professor Adjunto do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professor Adjunto do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Fêz Pós-Doutorado em Sociologia na Universidade de Paris VI.  
Endereço: Rua Benjamin Constant, 55 apartamento 1003, Glória - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 20241